

# Notas



---

# Grupo de Estudo “História e Filosofia da Ciência Geográfica”\*

Eduardo Marandola Jr.\*\*

Juliano Augusto\*\*

Mario Alberto dos Santos\*\*

Pablo Sebastian Moreira Fernandez\*\*

## RESUMO

Se estamos vivendo em um período que nos remete à crise da modernidade, nas discussões sobre o papel da ciência na sociedade contemporânea, como também a forma como se processa seu desenvolvimento e construção, é imprescindível entendermos as principais mutações contemporâneas nas várias formas que estão sendo delineadas. A História e Filosofia da Ciência é um campo de conhecimento vasto que, embora se desenvolva no âmbito epistemológico-científico, pode dar suporte para refletirmos sobre as formas sociais e a configuração do espaço. É nesta perspectiva que o Grupo de Estudo “História e Filosofia da Ciência Geográfica”, composto por alunos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, direciona suas intenções, buscando uma interface com a Filosofia e a História, para resgatar uma visão epistêmica da Geografia, como conhecimento do mundo e conhecimento científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** história e filosofia da ciência, epistemologia da geografia, grupo de estudo.

## INTRODUÇÃO

Um grupo de alunos do curso de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina, conscientes da necessidade de aprofundar e avançar em relação ao currículo estabelecido que, na concepção do grupo, parece carecer de bases filosóficas importantes para a ciência geográfica, tem se reunido num Grupo de Estudo para discutir e estudar a história e a filosofia da ciência geográfica. A idéia da organização de um grupo de estudo já vinha sendo discutida no Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais<sup>1</sup> – onde a maior parte dos componentes do Grupo desenvolve projetos de pesquisa – há pelo menos 2 anos. Contudo, as reuniões e as discussões só se efetivaram recentemente.

A formação do Grupo se deu a partir da importância que vemos na Filosofia para a melhor apreensão do conhecimento geográfico, independente da linha de pesquisa desenvolvida.

A Filosofia é um campo vasto de conhecimento que influencia e fornece subsídios a todas as ciências. Porém, continua ainda pouco valorizada pelos pesquisadores em geral. Julgamos que o conhecimento dos fundamentos filosóficos e como estes influenciaram e influem no pensamento geográfico no seu processo histórico, fornece uma grande contribuição aos estudos geográficos, ampliando a visão da ciência e da própria Geografia. A História e Filosofia da Ciência é uma área que precisa ser mais explorada, pois poderia trazer muitas infor-

---

\* Estiveram conosco nestas discussões, em algumas ocasiões: André de Lima, Leslie de Almeida Bisikirskas, Vicente Tomazzi e Francisco J. Vigeta Castilho.

\*\* Alunos do curso de Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. marandola@yahoo.com.

mações fundamentais para a compreensão da Epistemologia da Geografia, como também da própria História da Ciência.

O objetivo do Grupo é melhorar a capacidade interpretativa das bases da ciência geográfica, num esforço não apenas de ampliar nosso entendimento e conhecimento, como também melhorar nossa visão histórica e filosófica da Ciência e da Geografia.

Esta nota demonstra o método de estudo que aplicamos, como também os “fios” com os quais fomos tecendo nossa linha de pensamento, na introdução das questões concernentes à História e à Filosofia da Ciência Geográfica.

Trata-se de um primeiro semestre de estudo, correspondendo a cerca de 12 encontros que são as primeiras aproximações do Grupo com o tema na tentativa de um tecer contínuo da nossa rede de conhecimento.

## DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS

Num primeiro momento, tencionamos desenvolver nossos estudos direcionados pela análise de conceitos, buscando suas interpretações e aplicações diversificadas nas várias correntes do pensamento geográfico. Porém, na discussão acerca do como desenvolver estes estudos, surgiu uma questão: como avaliar e pesar os conceitos em cada uma das escolas de pensamento? Como correlacioná-los e identificar as razões que levaram determinado pesquisador, em determinado tempo, usando determinado embasamento teórico-filosófico, a formular tal forma de pensamento? Quais fatores influenciam o desenvolvimento científico?

Estas questões nos levaram ao livro do geógrafo espanhol Horácio Capel, *O nascimento da ciência moderna e a América* (1999). Este pesquisador tem se dedicado aos estudos nos campos epistemológico e historiográfico da ciência geográfica. Neste livro, o autor discute o papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território. Dele, escolhemos o capítulo intitulado os “Fatores sociais e o desenvolvimento da ciência: o

papel das comunidades científicas” para iniciar nossas discussões.

Capel discorre sobre questões importantes como o embate entre internalismo e externalismo, pesando os fatores que interferem nos processos que contribuem na elaboração, difusão e aceitação do conhecimento científico. Ele ainda destaca o papel que as comunidades científicas têm sobre a difusão e aceitação de teorias científicas, demonstrando como os fatores externos possuem grande influência sobre o desenvolvimento da ciência. Na discussão de Capel, ficou faltando uma questão importante: a relação sujeito-objeto no trabalho científico. O autor não se deteve nesta discussão, o que nos levou a buscar aprofundamento nesta questão.

Por isso, selecionamos o livro clássico do sociólogo francês Lucien Goldmann, *Filosofia e ciências humanas* (1986), no qual ele disserta sobre a natureza da Sociologia e sobre a importância da Filosofia no desenvolvimento das Ciências Humanas. O capítulo que nos interessou foi “Método em ciências humanas”, onde discutem-se as questões do desenvolvimento científico, sujeito-objeto e externalismo-internalismo nas Ciências Humanas. Goldmann trata da problemática do distanciamento do pesquisador (sujeito) e estudo (objeto), destacando como esta relação se dá no âmbito das chamadas Ciências Físico-Químicas e das Ciências Humanas. Ele é claro ao afirmar a separação mais evidente nas primeiras do que nas segundas, apontando para a necessidade da objetividade e da neutralidade do pesquisador em relação ao seu objeto.

Duas questões surgiram a partir deste texto: a primeira, referente à objetividade supostamente possível da pesquisa científica social. A segunda é se a ciência é ou não é livre de valores. Seria possível uma pesquisa científica livre das influências externas e internas do pesquisador? Estas duas questões não foram trabalhadas plenamente por Goldmann, o que nos direcionou aos textos seguintes.

Sobre a questão se a ciência é ou não livre de valores, selecionamos o artigo do filósofo estadunidense Hugh Lacey, traduzido pela revista *Crítica*, intitulado "As formas nas quais as ciências são e não são livres de valores" (2000). Lacey tem se ocupado nas discussões e reflexões acerca da História e sobretudo da Filosofia da Ciência. Lacey centra sua análise em três componentes que julga imprescindíveis para a compreensão da questão: imparcialidade, neutralidade e autonomia. Ele trabalha estes três componentes sob o prisma da perspectiva de valor, concluindo que é impossível uma ciência livre de valores. Comentando esta questão, Lacey (2000, p.98-99) afirma que estes representam valores de práticas científicas. Reconhece-se que no núcleo, ou seja, onde teorias são aceitas e direções de pesquisa são fixadas, os valores sociais e morais não ocupam o lugar apropriado. "Muito freqüentemente, 'ciência livre de valores' tem sido rejeitada pela razão de que os valores ocupam a periferia e não o núcleo das práticas científicas".

Porém, a perspectiva moderna de controle, presente na teoria de Lacey sobre a ciência livre de valores, remete à questão da influência da ideologia na prática científica e sua presença nas teorias científicas. Desta forma, uma discussão acerca da ideologia e de sua natureza nos pareceu necessária. Para tanto, encontramos um texto de Karl Marx, pensador que analisou as formas de dominação ideológica de nossa sociedade. Embora sua análise situe-se no século XVIII e XIX, seus estudos continuam válidos para subsidiar a análise de nossa sociedade contemporânea.

O texto intitula-se "A ideologia em geral" (1965), e teve sua primeira publicação em 1938. Nele, Marx analisa a relação das ideologias, que cada cientista e/ou pesquisador defende ou carrega para si, para direcionar e escolher o seu objeto de análise, com os resultados, os fins e meios, que se faz de uso para realizar um projeto de pesquisa e/ou extensão. Ele mostra como a ideologia direciona não apenas a prática científica, como também, a estrutura e a superestrutura da sociedade.

No embate entre o cientificismo e a crença ideológica de que o conhecimento científico é a verdade, ou a única via de acesso a ela, é que fomos buscar alternativas de interpretação.

O senso comum, conhecimento construído culturalmente pela coletividade, aparece hoje como grande fonte de sabedoria, há muito ignorado pela ciência, mas que hoje passa a ser cada vez mais valorizado. Desta forma, descemos do pedestal científico e nos embrenhamos na vida cotidiana do homem simples.

Apesar do interesse contemporâneo pelo senso comum, não é recente a preocupação sociológica e filosófica para com ele. Muitos já exploraram as relações/embates entre o saber científico e o senso comum, em sua maioria, buscando a diferenciação e a valorização do conhecimento científico às custas da degeneração do saber comum.

O filósofo L. Hegenberg, na sua obra *Introdução à filosofia da ciência* (1965), trabalha a questão da "Ciência e bom-senso", entendendo bom-senso como o que chamamos de senso comum.

Porém, esta visão limitante do potencial do senso comum nos levou a buscar mais leituras, que nos fornecessem subsídios para perceber as possibilidades e a riqueza do saber comum e de sua experiência.

O sociólogo José de Souza Martins, tem escrito muitos ensaios sobre sociologia da vida cotidiana, e em um de seus livros mais recentes, *A vida cotidiana do homem simples* (2000), ele republicou um ensaio intitulado "O senso comum e a vida cotidiana", o qual supriu em parte o que estávamos à procura.

Martins afirma que os estudos sociológicos têm se aprofundado na compreensão da vida cotidiana buscando desmistificar as causas dessas atitudes humanas. Segundo o autor, essa valorização da vida cotidiana é reflexo da desesperança da humanidade quanto a um mundo de justiça, liberdade e de igualdade. Martins afirma que o senso comum, como fruto direto da vida cotidiana, está mais próximo do homem do que a Ciência. O senso comum é comum, segundo o autor, porque é compartilhado entre

sujeitos da relação social e por promover a interação entre ambos, pois o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos.

Esta valorização do senso comum se insere no momento específico pelo qual a sociedade e a ciência contemporânea passam e diz respeito à questões mais amplas e complexas. Para nos aprofundar nestas questões, incluímos o livro *Um discurso sobre as ciências* (2001), do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, editado pela primeira vez em 1987, nos estudos do grupo.

Santos aponta as características do que chama de paradigma dominante, ou seja, o paradigma da ciência moderna, passando pelos fatores que causam a sua crise, finalizando por traçar as linhas do paradigma emergente, que está se configurando. Este, segundo o autor, tende à valorização de novas formas de saber, como o senso comum, a arte, a cultura e a religião, e se fundamenta na complexidade e pluralidade. Rompe com o tecnicismo do paradigma moderno, porém, ainda não pode ser definido, porque está em construção, sendo fruto de mera especulação as tentativas de caracterizá-lo.

Santos (2001, p.23) é enfático em afirmar a natureza profunda e irreversível da crise do paradigma dominante que caracteriza o momento atual de transição paradigmática. Porém, esta questão não nos parece fechada, pois podemos nos perguntar que certezas temos de que haverá a concretização do paradigma emergente e a superação do paradigma moderno? Como saber se a modernidade será superada, ou se esta crise não será superada pela própria modernidade? Estas questões nortearão nossos estudos seguintes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa da conclusão, queremos enfatizar a importância desses estudos em nossa formação, em especial, devido ao método escolhido para gerir o Grupo de Estudo. Este método dimensionou algo diferente em

nosso processo de ensino-aprendizagem e pesquisa. Ao invés de traçar planos de estudo, já delimitando os textos e temas que seriam abordados, optamos por deixar que a necessidade e a nossa ânsia de discussões direcionasse o tema do texto seguinte. Desta forma, tivemos uma linha de pesquisa construída, que se desenhou de acordo com a nossa relação com o tema e em consonância com os pontos que nós extraímos para reflexão de cada um dos textos. Traçamos uma linha de pensamento no decorrer das discussões, buscando textos que nos apoiassem nesta linha a qual estávamos tecendo. Neste sentido, acreditamos ter tido uma experiência de estudo mais próxima da pesquisa, do trabalho científico, do que do processo tradicional de ensino-aprendizagem, o qual freqüentemente nos submete à temas que não estamos no momento direcionados, em detrimento de outros assuntos os quais estaríamos mais atentos ou necessitados.

Na certeza da continuação de nossos estudos, buscamos nos aprofundar nesta metodologia de estudo e neste campo vasto de conhecimento que é a História e a Filosofia da Ciência, na atenção específica com a Geografia, preocupando-se com a Filosofia e com os aspectos externos e internos do desenvolvimento científico, como também seus reflexos na sociedade a qual vivemos.

## NOTAS

<sup>1</sup> Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPEL, Horácio. Fatores sociais e o desenvolvimento da ciência: o papel das comunidades científicas. In: \_\_\_\_\_. O nascimento da ciência moderna e a América: o papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território. (trad. Jorge U. Villalobos) Maringá: Eduem, 1999.

GOLDMANN, Lucien. O método em ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. Ciências humanas e filosofia. (trad. Lupe C. Gahaude e José A. Giannotti). 10ed. São Paulo: Difel, 1986.

HENBERG, L. Ciência e bom-senso. In: \_\_\_\_\_. Introdução à filosofia da ciência. São Paulo: Herder, 1965.

LACEY, Hugh. As formas nas quais as ciências são e não são livres de valores. (trad. Marcos R. da Silva) *Crítica*, Londrina, v.6, n.21, out/dez 2000.

MARTINS, José de S. O senso comum e a vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_. A vida cotidiana do homem simples. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl. A ideologia em geral. In: CARDOSO, Fernando H. (org.) *Homem e sociedade*. São Paulo: CEN, 1968.

SANTOS, Boaventura de S. Um discurso sobre as ciências. 12ed. Porto: Afrontamento, 2001.

---

## Study Group “History and Philosophy of Geographic Science”

### ABSTRACT

If we are living in a period that in sends them to the crisis of modernity, what could be the role of science in the society contemporary. Also the form of processes development and construction then, is essential to understand the main modifications in the some forms that are being delineated. Today History and Philosophy of Science are the field of vast knowledge, even so if develops in the epistemologic-scientific scope, can give support to reflect on the social forms and the pattern of the space. It is in this perspective that the Group of Study “History and Philosophy of Geographic Science”, composite for students of the course of Geography of the State University of Londrina, directs its intentions, searching an interface with the Philosophy and History, to rescue a epistemic vision of Geography, as scientific knowledge.

**KEY-WORDS:** history and philosophy science, Geography epistemology, study group.